

## Índice

Outro mundo é possível	01
Nokia quer fechar fábrica alemã	02
Boicote à Nokia	03
China : Dedos perdidos e baixos salários	04

## INTERNACIONAL

### Outro mundo é possível

De 22 a 26 de janeiro, 26 milhões de pessoas, organizações, redes e sindicatos do mundo inteiro participarão de um dia de luta mundial e em mobilizações sobre o Fórum Social Mundial para mostrar que outro mundo é possível.



Em 2008 o Fórum Social Mundial vai ser realizado a partir de 22 de janeiro em diversas partes do mundo e culminará com um dia mundial de luta e mobilização no sábado, 26 de janeiro. Mulheres e homens do mundo todo tomarão as ruas nesse dia para mostrar que outro mundo é possível. As atividades coincidem com a reunião das elites neoliberais no Fórum Econômico Mundial de Davos (Suíça) e o enfrentam.

Mais de 430 atividades em 85 países já estão registradas na página do FSM. Muitos sindicatos afiliados à Federação Internacional dos Metalúrgicos, que também participa do FSM, vão participar das mobilizações desta semana e do dia 26 .

O FSM é um espaço aberto no qual os movimentos sociais, redes, ongs e outras organizações da sociedade civil reúnem-se para apresentar questões, debater democraticamente as idéias, formular propostas, compartilhar experiências e atuar em rede para uma ação eficaz. Estes movimentos se opõem ao neoliberalismo e a um mundo dominado pelo capital e todas as formas de imperialismo.

O FSM tem acontecido em diferentes lugares do mundo nos últimos setes anos, sempre no final de janeiro. Neste ano, a semana mundial de luta e mobilização consistirá de pequenas atividades descentralizadas e simultâneas realizadas regionalmente ou localmente no mundo inteiro.

Podem se obter mais informações sobre as atividades que serão realizadas em cada país na pagina do FSM : <http://www.wsf2008.net> (FITIM, 21.01.2008)

No Rio de Janeiro, as atividades vão ocorrer das 10h às 17h, no Aterro do Flamengo, na Zona Sul da cidade. Serão montadas sete tendas e quatro palcos, numa faixa de um quilômetro, entre o Museu da República e o Hotel Glória.

Além dos debates sobre questões globais, foram organizadas apresentações culturais, de teatro, música, poesia, vídeos, fotografia, além de uma feira de alimentos e de economia solidária. O show de encerramento será feito pelo sambista Martinho da Vila.

Para outras atividades brasileiras [veja aqui](#)

## Nokia quer fechar fabrica alemã

Milhares de pessoas marcharam no dia 22 de janeiro ultimo para protestar contra ao anunciado fechamento da fabrica de celulares da Nokia em Bochum, Alemanha.

Mais de 15 mil pessoas participaram da mobilização em frente a fabrica de telefones celulares da Nokia para protestar contra a noticia do seu fechamento. Os trabalhadores, sindicatos, o Conselho Europeu dos Trabalhadores foram todos surpreendidos e angustiados pelo anuncio de que a fabrica será fechada até o final de junho de 2008 e sua produção transferida para a Hungria ou Romênia.



O fechamento da fabrica vai afetar 2.300 trabalhadores permanentes e cerca de 1.000 trabalhadores temporários. Contando os supridores locais e os subcontratados a perda total alcançara 4 mil empregos. O presidente do IG Metall, Berthold Huber, conclamou a Nokia a abandonar os seus planos de fechar a fabrica, lembrando que essa decisão vai danificar a imagem da marca e os seus negócios.

Os trabalhadores e os sindicatos estão particularmente preocupados com a decisão porque a Nokia recebeu um subsidio de cerca de 100 milhões de euros da União Européia, da governo alemão e do Fundo federal North Rhine Westphalia. A Nokia estava obrigada pela lei a manter os empregos até 31 de dezembro de 2007. Passados apenas 14 dias da data, a Nokia anunciou o fechamento da fabrica.

A Federação Internacional dos Metalúrgicos junta-se ao IG Metall e à Federação Européia de Metalúrgicos nessa luta e chama os seus sindicatos filiados a mandarem cartas de solidariedade a Conselho de Trabalhadores da Nokia e ao IG Metall em Bochum

**Envie as cartas de solidariedade aos seguintes endereços**

IG Metall: [bochum@igmetall.de](mailto:bochum@igmetall.de) Conselho de Trabalhadores da Nokia: [Gisela.achenbach@nokia.com](mailto:Gisela.achenbach@nokia.com) com cópias para FEM [cjacobsson@emf-fem.org](mailto:cjacobsson@emf-fem.org) e FITIM [info@imfmetal.org](mailto:info@imfmetal.org) (FITIM, 22.01.2008)

### Movimento antiglobalização lança boicote à Nokia

O movimento antiglobalização Attac Finlândia pediu hoje que se boicotem os produtos da marca Nokia em resposta à decisão da companhia finlandesa de fechar sua fábrica em Bochum (Alemanha) e transferir a produção para a Romênia.

A Attac Finlândia enviou mais de 2 mil cartas convidando todas as organizações e redes sociais internacionais com as quais colabora a boicotar a Nokia, segundo a agência finlandesa "STT".

Na carta, o organismo antiglobalização sustenta que o fechamento de uma fábrica não deficitária como a de Bochum para ser realocada em países com custos mais baixos é um exemplo do capitalismo mais desumano.

Segundo a Attac, decisões deste tipo são especialmente deploráveis se receberem subsídios públicos, como é o caso da Nokia, companhia que obteve 90 milhões de euros na década de 90 para se estabelecer na Alemanha.

"Como as ações sindicais de caráter transnacional estão proibidas, parece que a reação dos consumidores é a única forma de combater a injustiça", afirmou o presidente da Attac Finlândia, Mikko Sauli.

O principal movimento mundial contra a globalização se soma assim ao boicote promovido por vários líderes políticos alemães, entre eles o presidente do Partido Social-Democrata Alemão (SPD), Kurt Beck.

>>>>

No entanto, a Attac Finlândia não pede aos usuários da Nokia que troquem seus celulares por aparelhos de outra marca, como fizeram os políticos alemães, mas "reflitam que marca devem comprar quando decidirem mudar de telefone".

A Alemanha é o quinto mercado mais importante da Nokia quanto a vendas, depois de China, Estados Unidos, Índia e Reino Unido. Em 2006, a Nokia obteve vendas líquidas na Alemanha de 2,06 bilhões de euros. (EFE, 21.01.2008)

## Governistas querem boicotar Nokia

O presidente do governamental Partido Social-Democrata Alemão (SPD), Kurt Beck, somou-se aos líderes políticos alemães que pediram publicamente o boicote ao uso de telefones celulares da empresa finlandesa Nokia, depois que esta anunciou o fechamento de sua fábrica na cidade de Bochum.

"Celulares da Nokia não entrarão mais em minha casa", afirma Beck ao dominical "Bild am Sonntag".

O político expressa ainda sua "raiva e tristeza" pelo anúncio do fechamento da fábrica, apesar de ter "recebido 90 milhões de euros de subvenções".

O ministro de Consumo, Agricultura e Pesca, Horst Seehofer, já havia anunciado que mudará seu aparelho de telefone celular em solidariedade aos trabalhadores da fábrica de Bochum (oeste da Alemanha), já que "não gosta da maneira como a Nokia está fazendo as coisas".

Seehofer ressaltou sua intenção de utilizar a partir de agora um aparelho de telefonia celular de outro fabricante, e confirmou que seu Ministério estuda a possibilidade de ordenar a mudança de todos os aparelhos oficiais.

Seu colega de Finanças, o social-democrata Peer Steinbrück, qualificou de "capitalismo de caravana" a decisão do consórcio finlandês de desativar a fábrica e de deslocar sua produção à Romênia.

Com o fechamento da fábrica, duas mil pessoas perderão o emprego, e outros mil postos de trabalho estarão em risco em companhias abastecedoras.

A Nokia vai passar a produção a outras fábricas na Europa que são mais competitivas, porque têm custos de produção mais baratos, como na Romênia ou Hungria, enquanto levará a sua fábrica de Salo (Finlândia) a fabricação dos aparelhos mais avançados. (EFE, 21.01.2008)

## Premiê não vê chances de salvar fábrica da Nokia

Pelo menos 15 mil pessoas se reuniram nesta terça-feira (22/01) em Bochum para protestar contra o fechamento da central de produção da Nokia naquela cidade. Ao som de sinos, a passeata partiu às cinco para meio-dia em ponto da frente da fábrica, encabeçada por um caixão trazendo o nome "Nokia".

**Durante a passeata de protesto e posterior comício público, foram suspensos os trabalhos na produtora de telefones celulares. Em solidariedade, os 2 mil funcionários das três centrais da montadora Opel também paralisaram suas atividades, reunindo-se ao protesto.**

Os organizadores da alegam que o número de manifestantes foi "significativamente superior" a 15 mil, contrariando as estimativas da polícia. Os prognósticos originais para o evento eram de 20 mil participantes.

O presidente do sindicato dos metalúrgicos (IG-Metall), Berthold Huber, classificou a perspectiva de fechamento da fábrica da Nokia como uma "declaração de guerra a todo o IG-Metall". Para ele, o motivo é a "ganância desenfreada de lucros ilimitados", e não falta de competitividade, como alega a fabricante finlandesa.

Numa entrevista à rádio NDR, a chanceler federal Angela Merkel declarou "não ver praticamente qualquer chance" de que a Nokia volte atrás em sua decisão de fechar suas dependências em Bochum. (av)(DW, 2201.2008)

## China : Dedos perdidos e baixos salários

Nas fábricas chinesas, dedos perdidos e baixos salários

David Barboza, em Guangzhou, China

Quase uma década depois de algumas das empresas mais poderosas do mundo - freqüentemente sob críticas consideráveis e pressão dos consumidores- terem iniciado um esforço para eliminar o trabalho em condições impróprias na Ásia, o abuso de trabalhadores ainda é comum em muitas das fábricas chinesas que fornecem para empresas ocidentais, segundo grupos de direitos trabalhistas.

Os grupos dizem que algumas empresas chinesas rotineiramente enganam seus funcionários em salários, os expõem a maquinário perigoso e produtos químicos nocivos, como chumbo, cádmio e mercúrio, e suspendem benefícios de saúde.

"Se estas coisas são perigosas para o consumidor, o que dizer a respeito dos trabalhadores?" disse Anita Chan, uma defensora de direitos trabalhistas que leciona na Universidade Nacional Australiana. "Nós podemos lidar com estas coisas por períodos curtos, mas eles lidam com elas diariamente."

E enquanto consumidores americanos e europeus se preocupam com a exposição de seus filhos a brinquedos fabricados na China que contêm chumbo, os trabalhadores chineses, freqüentemente com idades a partir de 16 anos, enfrentam riscos bem mais sérios. Aqui na região do Delta do Rio Pérola perto de Hong Kong, por exemplo, os funcionários de fábrica perdem ou quebram cerca de 40 mil dedos no trabalho a cada ano, segundo um estudo publicado há poucos anos pela Academia de Ciências Sociais de Xangai.

Pressionando para manter as grandes corporações honestas, grupos trabalhistas regularmente contrabandeiam fotos, vídeos, recibos de salários, registros de transporte e outras evidências para fora das fábricas que dizem violar a lei local e os padrões internacionais de trabalho.

Em 2007, fábricas que forneciam para mais de meia dúzia de corporações, incluindo Wal-Mart, Disney e Dell, foram acusadas de práticas trabalhistas injustas, incluindo a exploração de mão-de-obra infantil, jornadas de trabalho obrigatórias de 16 horas por dia em linhas de montagem rápidas e de pagar aos trabalhadores menos que o salário mínimo. (O salário mínimo nesta parte da China é de cerca de 55 centavos de dólar por hora.)

Nas últimas semanas, foi divulgada uma enxurrada de relatórios detalhando abusos de trabalhadores, em um momento em que a China está lidando com a onda de recall por motivos de segurança de produtos produzidos no país no ano passado, e tentando mudar a situação nos locais de trabalho com uma nova lei trabalhista que entrou em vigor em 1º de janeiro.

Nenhuma empresa esteve sob os holofotes de forma tão intensa quanto o Wal-Mart, maior varejista do mundo, que comprou cerca de US\$ 9 bilhões em produtos da China em 2006, de martelos e brinquedos a televisores de alta definição.

Em dezembro, duas organizações não-governamentais, documentaram o que disseram ser abusos e violações trabalhistas em 15 fábricas que produziam ou forneciam produtos para o Wal-Mart -incluindo o uso de mão-de-obra infantil na Huanya Gifts, uma fábrica aqui em Guangzhou que produz enfeites para árvores de Natal.

Representantes do Wal-Mart disseram que estão investigando as alegações, presentes em um relatório divulgado há três semanas pelo National Labor Committee (Comitê Nacional do Trabalho), uma ONG com sede em Nova York.

As autoridades da secretaria do trabalho de Guangzhou disseram que multaram recentemente a Huanya por violações do salário mínimo, mas disseram não ter encontrado evidência de trabalho infantil.

Um porta-voz da Huanya, que emprega 8 mil trabalhadores, negou que a empresa tenha violado qualquer lei trabalhista.

Mas dois funcionários entrevistados fora do imenso complexo da Huanya, no final de dezembro, disseram ter sido forçados a trabalhar turnos mais longos para cumprir as cotas de produção em condições ruins.



"Eu trabalho em uma máquina de molde de plástico das 6 da manhã até as 6 da noite", disse Xu Wenquan, um pequeno jovem de 16 anos e rosto de bebê cujas mãos estavam cobertas de bolhas. Ao ser perguntado sobre o que tinha acontecido com suas mãos, ele respondeu que as máquinas eram "quentes, então queimei minhas mãos".

Seu irmão, Xu Wenjie, 18 anos, disse que eles deixaram sua pequena aldeia na pobre província de Guizhou há quatro meses e viajaram mais de 800 quilômetros para encontrar trabalho em Huanya.

Os irmãos disseram trabalhar 12 horas por dia, seis dias por semana, por US\$ 120 a US\$ 200 por mês, bem menos do que teriam direito por lei.

Quando fiscais do governo visitam a fábrica, os irmãos ganham dia de folga, eles disseram.

Um ex-funcionário da Huanya que foi contatado por telefone forneceu um relato semelhante sobre as condições de trabalho, dizendo que muitos operários sofrem com irritações de pele após trabalharem com pós de ouro e que outros foram forçados a assinar documentos nos quais se ofereciam como "voluntários" para trabalhar horas extras.

"É bastante barulhento e você fica em pé o dia todo, as 12 horas, sem ar condicionado", ele disse. "Nós éramos pagos por peça produzida mas eles nunca nos diziam quanto. Às vezes recebia US\$ 110, às vezes recebia US\$ 150 por mês."

Em seu relatório de 58 páginas, o National Labor Committee criticou o Wal-Mart por não fazer mais para proteger os trabalhadores. O grupo acusou que, em julho passado, a Huanya recrutou cerca de 500 estudantes colegiais de 16 anos para trabalharem sete dias por semana, freqüentemente 15 horas por dia, durante os meses de pico de produção de produtos natalinos.

Vários estudantes entrevistados na Escola Técnica de Guangzhou, a menos de três quilômetros da Huanya, confirmaram que colegas de classe com idades entre 16 e 18 anos passaram o verão trabalhando na fábrica.

Alguns estudantes colegiais posteriormente fizeram greve para protestar contra as más condições na fábrica, disse o relatório. Os estudantes também disseram às autoridades de trabalho que pelo menos sete crianças, a menor com 12 anos, trabalhavam na fábrica.

"No Wal-Mart, os enfeites de Natal são baratos, assim como as vidas dos jovens trabalhadores chineses que os produzem", afirma o relatório do National Labor Committee.

Jonathan Dong, um porta-voz do Wal-Mart em Pequim, disse que a empresa em breve divulgará detalhes sobre sua própria investigação das condições de trabalho na Huanya.

A Disney e a Dell também foram criticadas pelos grupos de direitos trabalhistas.

Representantes da Disney e da Dell se recusaram a comentar alegações específicas, mas ambas as empresas disseram monitorar cuidadosamente as fábricas na China e afirmaram ter agido quando encontraram problemas ou práticas trabalhistas injustas.

"A Walt Disney Company e suas afiliadas levam muito a sério as alegações de práticas trabalhistas injustas e investigam meticulosamente essas alegações", disse a empresa em uma declaração. "Nós temos um forte compromisso com a segurança e bem-estar dos trabalhadores e com padrões de trabalho justos."

Muitas multinacionais foram duramente criticadas nos anos 90 por usarem fornecedores que mantinham fábricas em condições impróprias. Marcas importantes como Nike, Mattel e Gap responderam formando operações corporativas de responsabilidade social e trabalhando com seus fornecedores na criação de um sistema de fiscalização e auditoria das fábricas. Tais mudanças obtiveram elogios em alguns setores pela melhoria das condições de trabalho.

Mas apesar dos milhões de dólares gastos e da contratação de milhares de auditores, algumas empresas reconhecem que muitos programas são falhos

"As fábricas melhoraram muito ao longo dos últimos anos", disse Alan Hassenfeld, presidente da fabricante de brinquedos Hasbro e co-presidente da Care, o programa de ética na manufatura do Conselho Internacional das Indústrias de Brinquedos. "Mas me permita ser honesto: há algumas fábricas ruins. Ocorre suborno e corrupção, mas estamos fazendo o melhor que podemos."

Algumas fábricas são alertadas com antecedência das auditorias e alguns donos de fábricas ou gerentes subornam auditores. Fiscais inexperientes também pode ser um problema.

Algumas importantes firmas ocidentais de auditoria que trabalham na China até mesmo contratam estudantes universitários dos Estados Unidos para trabalharem durante as férias de verão como fiscais, um indício de que não estão dispostas a investir em programas de auditoria mais caros ou sofisticados, dizem os críticos.

Os fornecedores chineses regularmente terceirizam trabalho, que por sua vez também terceirizam, criando uma rede de fornecedores difícil de acompanhar e de inspecionar.

"A rede de fornecimento enrolada provavelmente é um dos riscos menos reconhecidos e mais subestimados na China", disse Dane Chamorro, gerente geral para a China da Control Risks, uma firma de consultoria de riscos. "É realmente necessário contar com pessoas experientes no local, que saibam o que estão fazendo e conheçam a língua."

Muitos especialistas em trabalho dizem que parte do problema é o custo: as empresas ocidentais estão pressionando constantemente seus fornecedores chineses por preços mais baixos, ao mesmo tempo em que insistem que os donos das fábricas gastem mais para modernizar suas operações, tratem os funcionários de forma apropriada e melhorem a qualidade do produto.

Ao mesmo tempo, o aumento de preços dos alimentos, energia e matéria-prima na China -assim como a escassez de mão-de-obra nas maiores zonas manufatureiras do sul- está atrapalhando a capacidade dos proprietários de fábricas de terem lucro.

A situação poderá piorar ainda mais antes de melhorar. A lei trabalhista que entrou em vigor em 1º de janeiro dificulta ainda mais a demissão de trabalhadores e cria todo um novo conjunto de leis que os especialistas dizem que quase certamente aumentarão os custos trabalhistas. Mas poderá se tornar mais difícil para os grupos de direitos humanos investigarem abusos. Preocupadas com a série crescente de ameaças à lucratividade, assim como com as revelações embaraçosas, as fábricas aumentaram a segurança, molestando grupos de direitos trabalhistas e chamando a polícia quando jornalistas aparecem em seus portões.

No centro do problema está um sistema trabalhista que depende de trabalhadores migrantes jovens, que freqüentemente deixam pequenas aldeias rurais para estadias de dois a três anos em fábricas, onde esperam ganhar o suficiente para voltar para casa e iniciar uma família.

Enquanto a vida nas cidades prometer mais dinheiro do que nas áreas rurais, eles enfrentarão as duras condições nas fábricas nesta e em outras cidades chinesas. E enquanto a China proibir sindicatos independentes e se mostrar incapaz de assegurar o cumprimento de suas próprias leis trabalhistas há pouca esperança de mudança.

"Este é um problema difícil de resolver", disse Liu Kaiming, diretor do Instituto para Observação Contemporânea, que ajuda trabalhadores migrantes na vizinha Shenzhen. "A China possui fábricas demais. A posição de negociação dos trabalhadores é fraca e a regulação por parte do governo é frouxa."

Há pouco o que qualquer empresa ocidental possa fazer em relação a estes problemas, independente da seriamente com que tratem o tema da responsabilidade social corporativa -a não ser deixar a China. (*The New York Times*, 05.01.2008) (Tradução de George El Khouri Andolfato para UOL Notícias)

Brasil Metal Internacional é o boletim informativo eletrônico sobre as questões internacionais que afetam os metalúrgicos brasileiros. Ele é produzido pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM/CUT  
Secretário Geral: Valter Sanches [internacional@cnmcut.org.br](mailto:internacional@cnmcut.org.br)